

Conhecendo Herbert Caro

Gerson Roberto Neumann

Herbert Caro has been known for his translations and musical knowledge. This article focuses on his musical conception in his articles: “Romance de Capa sem Espada”, published in 1977, and the literary aspect in “A mãe brasileira de Thomas Mann” from 1976.

Keywords: Herbert M. Caro; Júlia Mann; music;

Conhecendo Herbert Moritz Caro

Como novo morador da capital gaúcha dos anos 2000, uma Porto Alegre moderna em constante crescimento, procuro por interlocutores de um modo geral para criar minha identificação com a capital gaúcha que tomei a partir de agora como residência para a minha atividade profissional. Como professor de Língua Alemã e Literaturas Brasileira e Alemã, procuro também referências e identificações ideológicas para estruturar o meu grupo de reflexão e discussão de problemas do nosso dia-a-dia, em Porto Alegre, no nosso meio e, claro, no mundo.

Numa das minhas andanças e procuras culturais por Porto Alegre deparei-me com um tal Herbert Moritz Caro, um berlinense gaúcho que, depois fui saber, muito contribuiu para o crescimento cultural da nossa cidade. Sim, quem está envolvido com a produção cultural de Porto Alegre e, principalmente, quem se interessa pelos acontecimentos culturais relacionados ao contexto brasileiro-alemão certamente conheceu o senhor Caro. A obra de Caro está aqui, acessível a todos nós e sua forma de fazer cultura também está aqui entre nós. Como tardio conhecedor de Caro concluo que a obra de Herbert Caro é importante e merece ser vista e revista devido à sua atualidade. Deixei-me envolver por sua obra e encontrei muito material, sendo suas reflexões, geralmente bastante críticas e muitas vezes até duras, apesar do tom de brincadeira, um toque reconhecidamente de Caro.

Na minha procura pelo mundo de Herbert Moritz Caro li o que pessoas ligadas a ele escreveram, comemorando o trabalho dessa pessoa tão ativa e dedicada à cultura. Li testemunhos de pessoas que apontaram, há uma década, aspectos relevantes da atividade de Caro, da mesma forma como eu o faço agora. Já a partir disso pode-se constatar sua atualidade e por isso a importância de mais um encontro, comemorando agora o centenário do nascimento desse ilustre porto-alegrense alemão, para pensar e repensar a obra dessa importante referência no contexto cultural da capital gaúcha.¹ Procurei também a obra de Herbert Caro, conhecido pela sua exemplar tradução de Thomas Mann, de John Steinbeck, de Emil Ludwig, de Elias Canetti, entre outros.² Grande foi minha surpresa, porém, ao constatar o número de referências a Herbert Caro no *Caderno de Sábado*, do jornal Correio do Povo. Juntamente com Mário Quintana, Guilhermino César, Clarice Lispector e muitas outras importantes referências culturais desse interessante suplemento, que para a minha infelicidade não existe mais, Herbert Caro figura entre os mais

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Avenida Bento Gonçalves 9500, 91540-000 Porto Alegre, RS; Brasil. Fax: 0055 51 3308 7303; Tel: 0055 51 3308 6696; e-mail: gerson.neumann@gmail.com

assíduos colaboradores desse veículo de discussão cultural. Seu espaço para comentar as novidades do mundo musical, principalmente da clássica, era cativo e Caro certamente trouxe muitas informações “quentes” para os interessados pelas novidades musicais na época. Já no primeiro número do *Caderno de Sábado*, de 30 de setembro de 1967 a 30 de março de 1968, Caro contribuiu com nove artigos. No segundo número já tem 24 contribuições sobre as novidades musicais. Suas colaborações mantinham uma certa média, sendo o número de artigos nos cadernos pares geralmente acima de 20 e nos ímpares em torno dos 15. Pelos meus cálculos, Herbert Caro contribuiu, de 1967 a 1981 (ano do primeiro e do último número, respectivamente), com mais de 400 artigos, sendo praticamente todos sobre as novidades do mundo musical. Trata-se de uma farta e rica contribuição, que certamente mereceria um estudo mais aprofundado.

Caro, porém, não escreveu somente artigos sobre música, ele também trabalhou como tradutor, como já mencionado acima, pertencendo à famosa *Sala de Tradutores*, invejável iniciativa da antiga Editora Globo de reunir numa sala “de confinamento” os tradutores, que ali se preocupavam única e exclusivamente com a tradução de importantes obras da literatura universal. Herbert Caro foi convidado por Henrique Bertaso e Erico Veríssimo para a atividade de tradutor na *Sala*, função que desenvolveria durante toda a sua vida de intelectual preocupado em trazer mais cultura para os brasileiros, tornando-a, assim, acessível também na sua nova língua, o Português. Ao final seriam trinta e uma importantes obras traduzidas. O próprio Caro produziu um artigo sobre a arte de traduzir, intitulado “Traduzir é conviver”, no qual discute os problemas que o tradutor enfrenta nesse árduo trabalho que pode ser prazeroso, pois, segundo Caro, citando um dos mais importantes escritores brasileiros, Guimarães Rosa, “traduzir é conviver”.³

Das minhas pesquisas sobre a obra de Herbert Caro resultaram muitos aspectos que mereceriam uma dedicação mais pormenorizada, um diálogo com esse autor que sempre tentou travar um contato com o interessado por uma cultura literária e também geral.

A seguir, pretendo desenvolver dois aspectos que me chamaram a atenção nessa busca pela produção de Caro. Como muitos já escreveram e outros testemunharam, Caro sabia exatamente onde se encontrava determinado livro nas suas bibliotecas e, além disso, sabia indicar muito bem uma boa leitura a uma pessoa que a procurava.

Nas minhas buscas para melhor conhecer essa ilustre figura do contexto cultural porto-alegrense, deparei-me com um vasto material referente às novidades musicais, como já afirmei acima. Dentre os muitos artigos de Caro, chamaram-me a atenção dois: “A mãe brasileira de Thomas Mann” e “Romance de Capa Sem Espada”. Ambos são da década de setenta e são mais extensos que os usuais artigos relativos às novidades no mundo musical.

“A mãe brasileira de Thomas Mann” foi publicado no *Caderno de Sábado* do jornal *Correio do Povo*, no número 24 do ano de 1976. O artigo é o central do número, de modo que, ao se abrir o jornal ao meio, tem-se o artigo à disposição para sua leitura. Pode-se concluir a partir disso que o artigo recebeu considerável atenção. O mesmo texto foi publicado também no *Caderno Porto & Virgula*, número 9, tendo sido extraído para tal do espólio do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall. Nesse caderno, o artigo encontra-se da página 79 à 87.

Já o artigo “Romance de Capa Sem Espada” foi publicado em 6 de agosto de 1977, no número 6 do mesmo jornal acima citado. Trata-se de um artigo sobre música. O autor abandonou, porém, a sua apresentação usual de novidades musicais

e dedicou esse número para um desabafo em relação ao uso descontrolado por parte da mídia de recursos “glamourosos” para alcançar o consumidor. Diferentemente do artigo histórico sobre Júlia Mann, a futura mãe dos Mann, esse artigo trata de uma temática muito atual, que é o bombardeio desenfreado da publicidade sobre nós, pobres consumidores.

O primeiro artigo de Herbert Caro parece, até certo ponto, o resultado de um compromisso do tradutor de Thomas Mann para a língua portuguesa para com o seu leitor brasileiro, pois, segundo o próprio autor no artigo, muitas pessoas, sabendo do seu empreendimento da tradução, interpelavam-no, “perguntando se [...] sabia que a mãe de Thomas Mann era brasileira.” Apesar de o título fazer referência somente a Thomas Mann, com certeza o mais famoso dos filhos de Júlia Mann, cuja foto encontramos na primeira parte do texto, o autor relata sobre todos os irmãos e cita até mais partes de obras, principalmente biográficas, de Victor e Heinrich Mann.⁴

Herbert Caro afirma nesse artigo não ter tido até então conhecimento desse relevante especto autobiográfico em relação ao grande autor alemão e busca, a partir de então, na obra do mesmo referências que evidenciassem fundos autobiográficos de Thomas Mann e de sua família. Conforme o artigo, Caro identifica muitos aspectos que trazem referências biográficas de Thomas Mann na sua obra e uma refere-se à mãe. Caro cita a menção que é feita à mãe de Tonio Kröger:

A mãe de Tônio Kröger, herói de um dos seus contos mais famosos, e o qual é uma espécie de irmão espiritual de Hanno, é descrita como ‘uma fogaosa morena, de nome Consuelo, que tocava maravilhosamente bem o piano e o bandolim’. Era diferente de todas as demais senhoras da cidade, porque o pai fora buscá-la ‘lá longe, na parte mais baixa do mapa mundi’.⁵

No artigo, Caro narra toda a história de vida de Júlia Mann, desde o momento em que o futuro pai dela (Johann Ludwig Hermann Bruhns), um alemão que se fixou nas proximidades da Ilha Grande, no sul do estado do Rio de Janeiro, conheceu a futura mãe de Júlia – Maria da Silva. Depois buscou referências ao nascimento de Júlia, a filha mais velha do casal, assim como da chegada das crianças com o pai e a escrava Ana a Lübeck por volta de 1859, para ficarem em companhia da avó paterna, uma vez que a mãe de Júlia morreria com o nascimento da quinta criança. Os filhos seriam educados na Europa. Depois disso, Júlia não voltou mais para o Brasil, mas transmitiu muitas histórias da sua infância, com animais e frutas diferentes, com passeios à beira do mar, com escravos, com serpentes, etc. para os seus filhos, que por sua vez passaram essas fantasias para as suas obras, às quais o pesquisador Herbert Caro recorreu para trazer a seu público uma aprofundada pesquisa sobre a mãe dos Mann.

O autor descreve de forma realmente bastante completa a vida de Júlia Mann, desde o contato do alemão (seu futuro marido) com a brasileira (apesar do pai alemão) até a sua morte no sul da Alemanha, identificando a cidade – Wessling – onde se encontra a sua sepultura, juntamente com a de sua filha Clara, que se suicidara. O autor realiza uma busca pormenorizada de possíveis referências deixadas pelos filhos artistas nas suas obras desse segundo contato brasileiro-alemão, nesse caso em solo europeu. Caro parece saborear a pesquisa que realmente deve tê-lo interessado muito, visto que não conhecia maiores detalhes dessa parte da biografia de seu mais famoso traduzido. Isso percebe-se na seguinte afirmação no

seu texto: “A cena da chegada da família brasileira à cidade hanseática, tal como a descreve Victor Mann, é ‘saborosíssima’”⁶

Já no artigo “Romance de Capa Sem Espada”, Caro discute as mudanças negativas que são causadas pela publicidade com o intuito de alcançar de todas as formas o consumidor. O cidadão Caro está preocupado em preservar os valores que julga bons para a sociedade e para o seu contexto e nisso muitas vezes interpreta como negativas algumas realizações que fazem parte do processo de desenvolvimento ou do crescimento, por exemplo, de uma cidade.

Na verdade, temos aí um saudosista das coisas boas. Claro, sempre buscamos os aspectos positivos no nosso passado, que para a nossa infelicidade não existem mais. Muitas vezes, porém, as críticas ao novo são coerentes e muito corretas, uma vez que questionam espaços públicos perdidos numa cidade – Porto Alegre – que cresce. Não teria sido possível fazê-lo de forma diferente? Pergunto-me depois de ler o texto “Um ônibus chamado saudade”⁷, de Caro. Assim, acompanho-o no ônibus *T* que sai do Mercado Público, passando pela Igreja de Nossa Senhora das Dores, pelo Viaduto dos Açorianos, passando pela Voluntários para chegar novamente ao ponto inicial e fico triste ao constatar que a cidade não ganhou em beleza, para não dizê-lo diferente. Em outro texto de crítica bem-humorado, Herbert Caro lastima o enfeamento da sua cidade. A começar pelo título, “Mistério da pichologia”, o autor brinca com as palavras de modo que é preciso lê-lo muito atentamente para não se correr o risco de iniciar a leitura incorretamente. Também nesse texto, o autor busca nos aspectos históricos informações para mostrar que a pichação já está presente na humanidade desde a época de Cristo, quando “Belsazar, rei da Babilônia, para impressionar seus cortesãos e suas concubinas, proferiu blasfêmias contra Deus.”⁸ Depois Caro transporta o leitor a Pompéia, cidade ao sul da Itália coberta pelas lavas do vulcão Vesúvio no ano de 79 d. C., onde foram descobertas pichações (e não pinturas artísticas, que lá também existiam) nos muros, depois de recentes escavações arqueológicas. Ao final, o autor chega a Porto Alegre, onde as pichações tomam conta nos anos setenta. Finalizando o seu texto, Caro brinca com o enunciado da seguinte pichação: “Pelo amor, vote nas flores!” Na época, essa pichação se encontrava na Rua Jerônimo de Ornellas e o autor, em tom de brincadeira, promete seu voto a esse possível *punk*, pela pichação pelo menos simpática, isso se houver eleições diretas, aproveita para comentar o momento histórico.

Nesse mesmo tom, Caro aborda o problema do turbilhão publicitário. Devo apontar aqui, antes de mais nada, que ele hoje escreveria um artigo muito mais agressivo, e possivelmente sem tom de brincadeira, pois temos que nos defender de todas as formas dos ataques publicitários, sendo que atualmente não basta a nossa própria defesa, precisamos também defender os mais desinformados, alvos fáceis desses ataques. Chegamos a tal ponto que já são elaboradas até leis, proibindo determinadas formas de publicidade. Nesse aspecto já temos algo a comemorar. Por outro lado, porém, é lastimável que se tenha chegado a esse ponto, visto que toda forma de proibição contém sempre o ato de cercar.

Assim como muitos de sua geração, Caro pertenceu àqueles que não descartavam as coisas quando elas apresentavam algum problema. Tentavam, primeiro, recuperá-la e, não havendo outra possibilidade, procurava-se algo novo, o que muitas vezes significava uma dura tarefa. Assim, o autor relata que usou durante 50 longos anos o seu primeiro aparelho de barbear e se desfez dele somente “porque o troço se desmanchou, sem possibilidade de conserto.”⁹ O autor, como do seu feitio, no intuito de informar o seu leitor do contexto histórico que cerca o seu artigo, traça um

panorama sócio-histórico da publicidade no Brasil. Ele lembra que em outros tempos, não muito distantes, a propaganda limitava-se a “bradar ininterruptamente uma única palavra de apenas duas letras, a palavrinha ‘só.’”¹⁰ Depois a propaganda brasileira evoluiu para textos maiores, de teor literário rebuscado, mas que para a propaganda em si não trouxeram grandes benefícios, pois liam-nos somente aqueles que dispunham de tempo. E esses eram poucos. Também lembra Caro das nossas conhecidas folhinhas que o carteiro deixava na caixa do correio. Segundo ele, eram tantas que dava para forrar as paredes do seu apartamento.

O crítico também faz alusão à Literatura nesse texto quando o intitula “Romance de Capa Sem Espada”, ou seja, temos que saber escolher os nossos livros, pois muitos possuem lindas capas, mas no interior não encontramos o que procuramos realmente. Conforme o autor, os primeiros a usarem do artifício das capas mais chamativas que os interiores foram os editores dos livros de bolso americanos. Arrisco-me a dizer que atualmente estamos vivendo uma volta à simplicidade nas capas de livros e que já aprendemos muito bem – às vezes de forma dolorosa – que as capas geralmente não dizem muito. Obviamente que uma bela capa num bom livro torna-o ainda melhor e, por isso, elogios aos editores e autores que conseguem realizar esse trabalho.

* * *

Ao final dessa breve análise dos dois artigos de Herbert Moritz Caro, publicados no *Caderno de Sábado* do jornal *Correio do Povo*, publicados entre tantos artigos sobre as novidades musicais, fico feliz por ter tido a felicidade de descobrir tais textos que nos mostram um pouco mais do lado literário dessa importante referência cultural de Porto Alegre. Os dois textos dialogam, obviamente, com os seus outros textos de crítica publicados inicialmente em semanários e depois reunidos em forma de livro.

Satisfaz-me também o fato de ter conhecido mais da história de Herbert Caro, desde a sua saída de Berlim, da passagem pela França até a sua chegada em Porto Alegre. Além disso, é muito interessante refletir mais demoradamente sobre as dificuldades que enfrentam imigrantes nos anos iniciais num país estranho do seu. Num país como o Brasil, tão multiculturalmente construído, certamente há muitas outras pessoas como Herbert Caro que merecem uma atenção especial. Por outro lado, é muito interessante observarmos a forma como essas pessoas, geralmente carentes por um engajamento, se dedicam de uma forma diferente no novo contexto. Muitas vezes iniciam suas atividades de forma modesta, mas logo são descobertas por pessoas atentas às atividades de lideranças que somente necessitam de um espaço para alcançarem êxito nos seus empreendimentos. Herbert Caro é aí um exemplo perfeito, pois basta observarmos a sua trajetória cultural em Porto Alegre e já temos motivos para lhe prestar homenagens.

Conhecendo Herbert Caro e sua vida, redescobri a cidade de Porto Alegre, a bela cidade que precisa da nossa atenção e que precisa de pessoas críticas, que digam as coisas que geralmente ninguém gosta de ouvir, mas que são de extrema importância para o seu crescimento, pois são as verdades. Conhecendo Herbert Caro, passei por uma Porto Alegre distante, mas que agora é minha cidade e que procurarei cantar e contar. Também voltei bela Berlim e nela vi a história recontada por mais outro prisma, o da emigração de um advogado judeu de vasta bagagem cultural.

Reafirmo, finalmente, conhecendo melhor Herbert Caro, que a importância do trabalho por uma causa com dedicação e amor vale a pena. Temos, para tal, um exemplo de grande valor em Herbert Caro. Devemos, portanto, preservar e manter viva a história de pessoas como Caro para sempre podermos refletir e repensar a partir desses exemplos possibilidades para melhorarmos a nossa sociedade.

Notas

¹ Refiro-me aqui à caderno número 9 dos Cadernos Porto & Vírgula, comemorando a obra de Herbert Caro.

² Regina Silberman traz a relação completa das obras traduzidas por Caro. Ver Silberman, Regina. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 28.

³ Ver Caro, Herbert. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 75-78.

⁴ Ver Caro, Herbert. In: Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo, n. 24/1976, s.p.; Caro, Herbert. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 79.

⁵ Idem, 1976, s.p.; 1995, p. 81.

⁶ Idem, 1976, s.p.; 1995, p. 84. O grifo é meu.

⁷ Caro, Herbert. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 95-98.

⁸ Caro, Herbert. In: Cadernos Porto e Vírgula, n.9, 1995, p. 103-105.

⁹ Ver Caro, Herbert. In: Caderno de Sábado do Jornal Correio do Povo, n. 6/1977.

¹⁰ Idem.